

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

MISCELLANEA FOLK-LORICA

(Continuada do n.º 23)

Como mo hasdo ver?
—Com os olhos da alma;
Por Deus nosso Senhor,
Segue o acompanha
O cego d'amor.—
Seguiram os dois
Pela estrada adiante,
Sem querer descansar
Sequer um instante.
Depois disse o cego:
—Quer's ser minha amada?
—Sim,—disse a donzella
Meia atrapalhada.
Passados oito dias,
Oh! que esplendor!
Casou-se a donzella
Com o cego d'amor.

(Recolhido, em Elvas, pelo sr.
Manoel Coimbra).

LIV

Kalendario rustico

Outubro, revolver;
Novembro, semear;
Dezembro, nascer,
Nasceu um Deus
P'ra nos salvar;
Janeiro, gear;
Fevereiro, chover;
Março, encanar;
Abril, espigar;
Maio, engradocer;
Junho, a ceifar;
Julho, debulhar;
Agosto, recolher;
Setembro, vendimar.

Recolhido na villa do Cano pelo
sr. Joaquim Maria Soeiro de Brito).

LV

Cantigas historicas

Soeiro de Brito, o infatiga-

vel pesquisador de tradições populares, brindou-me ha poucos dias com uma carta sobre assumptos folk-loricos, que passo a dar á publicidade n'esta *Miscellanea*.

Dando um aperto de mão a tão bom amigo, d'aqui lhe tributo mil agradecimentos, em nome de todos os que se dedicam a este genero de estudos, pelos valiosos subsidios que nos fornece para um cancioneiro popular politico portuguez.

Antonio Thomaz Pires.

Eis a carta:

Meu Antonio

Vejo pelo teu folhetim do n.º 475 do *Elvense* que te não passa o desprazer com que vés acolhidos os teus valiosos trabalhos de sobtterração folk-lorica pela grandissima maioria dos teus conterraneos.

Não tens razão: é mister ter compaixão dos ignorantes.

Os pobres homens julgam de muito boa fé uns, que é uma profanação sacrilega ao defuncto e infeliz principe D. Miguel, o resuscitar os cantares, que o povo, no seu character rudo, mas franco, inventou para celebrar, a seu modo, e segundo as opiniões que tinha, os acontecimentos politicos, que lhe affectaram intimamente o seu viver, normalmente socegado, produzindo trovas laudatorias,

chocarreiras e insultantes mesmo.

Não se lembram esses mal avisados cultores do passado, sem excepção, só porque é passado, de que o mesmo fez o povo (entidade colectiva numerosa) a D. Maria 2.^a, Saldanha, Sawalbach e outros vultos n'este seculo, e sempre assim o fez desafogando as suas maguas as suas alegrias, os seus sentimentos nos cantares e rifões como estes:

«Tolo vae e tolo vem de Lishôa a Santarem» (referido a D. Fernando 1.^o);

«O Papa Xisto não perdoou nema Christo;
e nos apodos:

Fui a Santarem por terra,
por ver o santo Milagre,
nunca vi terra mais santa,
gente de tanta maldade.

Os santos orgãos de Olhão.
A aletria de Abrantes.
Os rabãos de Santarem.
etc. etc. etc.

Ha outra classe de gente que olha para os teus e meus trabalhos (pela maior parte os meus) mēditos) como para inutilidades, brinquedos de quem não tem que fazer.

D'esses devemos rir-nos.

Pois não te basta a opinião de Leite de Vasconcellos, Theophilo Braga, Oliveira Martins, Adolpho Coelho, Consigliere Pedroso, Nuñez de Arce, Machado Alvares, Marins, Giuseppe Pitré e outras summidades de fama européa, que,—resolvendo-se a

pesquisar por toda a parte, com mais afan do que se procurassem ouro, todas as manifestações do pensamento, que, restos brilhantes, embora esfarrapados, de antigas civilizações, o povo ainda guarda, mas que se não se recolherem, breve desapparecerão no barathro do olvido, — preparam com estes materiaes mutilados, pujantes meios de progresso futuro á sciencia em todos os seus ramos e regeneração mais completa a esse povo, para onde hão de voltar, modificados pela sciencia em melhoramentos, osse materiaes que para ali jaziam perdidos?

Que importa que nem todos comprehendam isto? Ao obreiro cumpre lapidar o diamante bruto, e apresental-o brilhante á sociedade, que até ahí o desprezava... por ignorancia do seu valor.

E o brilhante é apreciado, o artista é esquecido.

Embora. Avante!

Não conheces o caso do cirurgião, que, passando por um largo, viu grande multidão rodando um medico estrangeiro de grande fama e que reconheceu no medico um seu antigo criado; e, perguntando-lhe como tinha estudado, disse-lhe o outro que alguns conhecimentos praticos adquiridos em sua casa e um pouco de charlatanismo tinham feito d'elle um facultativo de fama?

Admirado o cirurgião da grande clientela, tendo elle tão pouca, tornou o outro:—Quantas pessoas avalia que estão n'esta praça?

—Mil.

—E quantas lhe parece que tem bom senso?

—Para ali vinte.

—Pois as novecentas e oitenta procuram-me a mim, e as vinte consultam-no ao sr.

O trabalho folk-lorico actual é de exploração: *collecting materials*.

No futuro se empregarão os materiaes excavados.

Assim o disse um sabio inglez, e assim o entendem todos os que se entregam a este genero de pesquisas.

Com effeito: se alguns artefactos tem apparecido d'estas materias primas, não podem deixar de ser incompletos, por não entrarem em linha de conta com futuras descobertas.

Ha quem opine que as pesquisas folk-loricas em Portugal estão esgotadas; eu, porem, sou de parecer que, pelo menos no alemtejo, que quasi sempre é considerado como não fazendo parte de Portugal—uma especie de Africa—nem ao meio ainda chegaram as explorações d'este riquissimo filão.

Tu no districto de Portalegre, e eu no de Evora e poucoissimo no de Beja, somos os unicos, que me conste, que temos desenterrado alguns veios.

De resto Portugal é Lisboa e o Minho; das outras provincias ninguém quer saber.

E a ignorancia das nossas coisas é em tudo. Viste ainda ha pouco um jornal da capital dizer que Morianes é o pó d'Elyas, por ver no *Elvense* uma carta d'aquella localidade;

e ha annos, jornaes que trocavam com a *Sentinellada Fronteira*, sobrescriptavam para a villa de Fronteira.

Mas vamos ao assumpto, para terminar esta longuissima carta, que tem por fim animarte a proseguir na obra civilisadora que emprehendemos, tendo em vista que não chegamos ao ceo umas certas vozes, e que se devem ter orelhas moucas para não ouvir palavras ócas; e ainda participar da irrisão de que te querem cobrir, e que gloria em vez de deprimir.

Colhi este anno no Vimieiro, concelho d'Arrayollos, districto d'Evora, essas cantigas que te offereço.

D'ellas bem se deduz, posto que haja uma ou outra nota discordante, que a minha terra depois de miguehista foi patulêa.

Quando se não tirasse outro resultado, já isto era um dado precioso para a historia contemporanea e que poderá explicar factos por ventura obscuros.

Algumas das cantigas creio que já as recolheste e publicaste. Aproveita as que quizeres e crê-me

Teu muito amigo

Joaquim Maria Soeiro de Brito

Eis as cantigas:

Ditosa serra da 'strella
q'os portuguezes açotou,
onde os francezes temêrom
e o Jirô arrenou.

D. Miguel chegô á barra:
voltô costas á nação,

rogando pragas immensas
á nova constituição.

Tápo isso, ôlaré, tape isso;
tape isso, qu'elles lá vêem.
Fugirom, tiverom mêdo,
deixarom Santarem.

Q'ando D. Miguel chigôu
dê' um suspir' e um ai:
disse á sua A'gusta Mãe:
q'è do mê A'gusta Pãe?

Sua mãe lho respondêu
com grande dôr e ternura:
Já aquelles malvados
o levârom á sepultura.

Subiu ó trono da rainha;
nã' pude assubir má's alto:
Dóna Maria segunda,
filha de Dom Pedro quarto.

Toca a cáxa, acerta a marcha...
Toda a vida militei,
Dóna Maria segunda
è rainha não é rei.

Vae à Serra soldado valente
de Christina ganhal-a victoria...
Viva Dona Maria da Gloria.

A filha de Pedro
rainh' hade seri.
Por nós avancêmos.
Vencer ó morrerí.

Recionaes (sic) à bainêta,
Rainha lealdade;
por nossos feitos viva,
viva a libradade.

Da barriga do Saldê nha
mandê' fazer uma ê'ra,
pra debulhal-a soyada
p'ós cavallos do Silvê'ra,

Da barriga do Saldânha
mandê', tazer vm tambôri,
para tocar à degôla
do conde de Villa-Flôri.

Vamos atirar ó ninho,
qu'è o Duque da Tercêra:
vomos vel as carantônhas,
q'êlle faz na ratoêra.

Cando o Salvaque chegôu

ó convento de Sã' Rento,
disse para a sua tropa:
s'tâmos aqui, s'tâmos dentro.

Q'ando o Salvaque chegôu
ó convento do 'spinhêro,
disso para a sua tropa:
Ev'ra tem munto dinhêro.

O Salvaque já morrêu;
já se foi a entarrári:
quatro cães e cinco gatos
o forom acompanhári.

O Salvaque já morrêu
mais nã' lh' achârom dinhêro.
Jã s' acabaram-nos sustos
das moças do Vemiêro.

O Salvaque já morreu
já lá vae para a Bahia(?):
todas ás mortes dã' pêna,
e a delle deu alegria.

A mulhêri do Salvaque
'stá ficando n'uma rôca,
para ganhár trinta rois
p'ra pagar á sua tropa.

O marôto do Salvaque
traz chapé' d'abrir felêras:
vei' c'a sua tropa a Ev'ra,
p'ra deshonnar as quintânêra.

O morôto do Salvaque
é amigo da Rainha,
veio matari a Ev'ra
foi um gallo e 'ma gallinha.

Dóna Maria da Fonte
é 'ma mulher qumàs mais,
com pistolas e clavinas
para matal-os cabraes.

A dóna Maria Pia
é branca qeinó papéli,
esposa de Dom Luiz
filha de Victor Manuéli.

Dona Maria Pia
em tud' é uma felori
esposa de Dom Luiz
filha do emparador.

O Galamba é ginerali,
o Batalh' é um ladrão,
leva sempre pela cára
não dêxa de ser fanfarraão.